



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS

CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

VERÔNICA NASCIMENTO DA SILVA

**RASTROS E RESTOS DOS IDEAIS COLETIVOS E INDIVIDUAIS EM
*MEMÓRIAS SOMÂNTICAS, DE ABDULAI SILA***

ACARAPE

2022

VERÔNICA NASCIMENTO DA SILVA

**RASTROS E RESTOS DOS IDEAIS COLETIVOS E INDIVIDUAIS EM
*MEMÓRIAS SOMÂNTICAS, DE ABDULAI SILA***

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de licenciada em Língua Portuguesa, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB- Campus do Palmares.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

ACARAPE

2022

**Rastros e restos dos ideais coletivos e individuais em *Memórias SOMânticas*, de
Abdulai Sila**

Verônica Nascimento da Silva¹

Andrea Cristina Muraro²

Resumo: Este texto tem como objetivo realizar uma leitura da obra *Memórias SOMânticas* (2016), de Abdulai Sila, com foco nos mecanismos da memória (o lembrar e o esquecer), observando os ideais coletivos e individuais da narradora e protagonista, bem como sua articulação com outras personagens da trama. Metodologicamente, este trabalho analisa recortes da narrativa, por meio dos estudos da memória, entrelaçando aspectos do contexto histórico e político da Guiné-Bissau, e tendo como aporte teórico-crítico os trabalhos de Halbawchs (1990), Seligmann-Silva (2008), Gagnebin (2016).

Palavras-chave: Literatura Guineense, Memória, Abdulai Sila

**Traces and remains of collective and individual ideals in *Memórias SOMânticas*, by
Abdulai Sila**

ABSTRACT: This text aims to carry out a reading of the work *Memórias SOMânticas* (2016), by Abdulai Sila, focusing on the mechanisms of memory (remember and forget), observing the collective and individual ideals of the narrator and protagonist, as well as its articulation with other characters in the plot. Methodologically, this work analyzes excerpts from the narrative, through studies of memory, intertwining aspects of Guinea-Bissau's historical and political context, and having as theoretical-critical contribution the works of Halbawchs (1990), Seligmann-Silva (2008), Gagbenin (2016).

Keywords: Guinean Literature, Memory, Abdulai Sila

¹ Graduanda em Letras- Língua Portuguesa, ILL/Unilab/CE. Contato: venascimeto1996@gmail.com

² Orientadora - Professora Doutora Adjunta em Literaturas de Língua Portuguesa, ILL/Unilab/CE. Contato: muraro@unilab.edu.br

Ao lermos a obra *Memórias SOMânticas (2016)*, de Abdulai Sila³ podemos perceber que toda a narrativa se passa em torno da luta pela independência de Guiné-Bissau e dos anos após a independência, isto é, abarca em média 40 anos da história da protagonista. Vemos também que a mulher, que dá voz à história, traz por meio do seu testemunho uma experiência que remete também para aquela vivenciada por grande parte dos guineenses, ou seja, uma memória coletiva no sentido dado por Maurice Halbwachs, “a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não o bastante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros de grupos” (1990, p.51).

A protagonista narra a vivência de muitas perdas ao longo desses anos de luta e ao lermos somos inseridos dentro desse processo. Ficou órfã de pai quando criança, teve que conviver com um padrasto desagradável, perdeu sua mãe logo cedo, além de perder o marido e o filho. De certa maneira, a sua história é também a de vários outros guineenses que lutaram pela independência do país. É a única personagem, na narrativa, que não tem um nome definido, conhecemos a sua história, as suas experiências pessoais, conflitos, recomeços e lutas. Muito do que lemos, nos faz compreender que as suas memórias não são somente as dela, mas de um povo, de uma nação que desejou e lutou pela independência de Guiné-Bissau. Como uma obra narrativa, que faz uso constante dos mecanismos de memórias, a narrativa percorre suas lembranças, mas nem sempre de forma linear, ou seja, às vezes relata algo que aconteceu na infância e em seguida introduz uma memória do período da luta armada, por exemplo. Contando a sua história já na velhice, presa a uma cadeira de rodas no período do pós-independência, narra as suas memórias, a partir do movimento lembrar e esquecer é que as suas experiências são narradas.

Conforme lemos, no capítulo da tese da Artemisa Candé (2011), podemos perceber que houve um processo bem demorado para que o povo guineense de fato

³ “Abdulai Sila (Catió, Guiné-Bissau, 1958) é um economista, investigador social e engenheiro eletrônico formado pela Universidade de Dresden, na Alemanha. É também uma das mais destacadas vozes da literatura guineense contemporânea e iniciador de uma corrente ficcional original, sendo autor do que é considerado o primeiro romance guineense, *Eterna Paixão*. Depois deste romance inaugural, a importância desta obra cuja temática se centra principalmente na transformação pós-colonial da sociedade guineense, tem sido confirmada nos seus romances. Abdulai Sila foi co-fundador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas; co-fundador da primeira editora privada, a Ku Si Mon Editora e co-fundador da revista cultural Tcholona.”

Disponível em https://www.pallaseditora.com.br/autor/Abdulai_Sila/94/ acesso em 01/02/2022.

aderisse à esta luta. Guiné-Bissau era inicialmente chamada de Guiné Portuguesa por ser uma das colônias de Portugal, e sua principal importância, em 1697, era servir de suporte militar e de interpostos do tráfico dos navios negreiros. Os colonizadores passaram a cobrar juros altíssimos, a obrigar o trabalho forçado e obediência às autoridades portuguesas, os habitantes se viram oprimidos de diversas formas e muitos começaram as lutas de resistência que se estenderam até a independência de Guiné-Bissau em 1973. O presente trabalho não tem o objetivo de se debruçar sobre o contexto histórico da luta de independência da Guiné-Bissau, porém é importante apresentá-lo para compreendermos melhor o contexto da narrativa. O pressuposto deste trabalho é analisar o que é que se lembra e o que é que se esquece dentro da narrativa a partir dos mecanismos de memória lembrar/esquecer e analisar de que maneira os ideais coletivos estão presentes na construção da história da protagonista e de alguns personagens como o seu companheiro, a sua irmã de consideração Ramatulai e o Partido que liderava a luta.

Em *Memórias SOMânticas*, a protagonista “Tinha orgulho de ser parte desse povo que se erguia com a dignidade perante o mundo, clamando por independência e progresso” (SILA, 2016, p.71). Aqueles que lutavam por essa independência, lutavam por um ideal coletivo, lutavam com orgulho pelo futuro do seu povo. Quando retoma as memórias e narra os fatos que enfrentou na luta de libertação, muitas vezes ao longo dos seus relatos repete a frase “não sou louca” (p.12). Isso acontece porque muito do relatado são as suas experiências no contexto da luta, no entanto não acontece unicamente por isso, é também uma maneira de reforçar que aquilo que está contado é real e não fruto da sua imaginação.

Para os sobreviventes de grandes lutas, como a narrada na obra de Abdulai, as marcas deixadas pelas experiências são imensuráveis, tanto pelas perdas ao longo do caminho como pelas memórias que carregam consigo para sempre, e o testemunho daqueles que serviram ao seu lado. Mesmo que tratemos de um objeto da ordem da ficção, a história muitas vezes parece um absurdo para aqueles que leem ou escutam, e esta é uma das possíveis razões da personagem negar a loucura. No entanto, não é a única motivação:

Presa a essa velha cadeira de rodas, pressinto que no outro mundo que me espera depois deste a ordem das coisas, a tal ordem de que a minha outra mãe sempre falará e eu nunca entenderá, é aquela em que não serão só os opostos que se atraem. Por isso, no fim desta tortuosa e tantas vezes solitária caminhada, tenho a certeza de que amanhã o sol começará a exhibir e para sempre o meu certificado de sanidade. E não haverá nenhuma certidão de óbito, pois eu continuarei a ser eu, eu mesma, num mundo sem enigmas que já sinto meu, compatível comigo e com os meus sonhos... Eu não sou louca. (p.119)

Como notamos na passagem, a protagonista narra sobre a sua existência descrevendo-a como sendo por vezes dolorosa e solitária, mas que mesmo assim traz consigo a esperança de ser ela mesma e ter os seus sonhos realizados, os sonhos pessoais e também o sonho coletivo de um país livre e justo. Reafirma a sua sanidade, ou seja, que no futuro a sua história, assim como a de outros combatentes da luta pela independência farão ainda mais sentido do que faz no tempo da narrativa e tudo o que tem sido interpretado como loucura será a certificação da sua sanidade e a de seu povo.

Seligmann-Silva, em *Narrar o trauma- A questão dos testemunhos de catástrofes históricas* (2008), discorre sobre a importância do testemunho de um sobrevivente para contar a história e principalmente para o próprio sobrevivente conseguir ressignificar a sua vida após o trauma. Em seu artigo, há vários relatos de pessoas que passaram por traumas e perdas, e que para essas pessoas, narrar é uma maneira de rememoração e de se instalar na realidade. É importante ressaltar que o artigo mencionado traz relatos de pessoas que viveram essas experiências traumáticas em situações de grandes conflitos e guerras, e por isso precisamos entender a obra de Sila como literatura, sendo assim ficção, pois reelabora um contexto histórico. Na obra de Sila, a personagem relata sobre isso: “Sem a mínima sensação de estar a parcelar a minha existência, narrar essa metade da minha vida me redime e devolve a sensação de ser eu, eu mesma. Por isso sei e sinto que não sou louca” (SILA, 2016, p.12).

Como vimos, realmente relatar as experiências vividas é um processo de reviver o passado, mas com o intuito de se encontrar no presente, sabemos que a protagonista conta a sua história na velhice depois de ter vivido todas as experiências e quando afirma: “narrar essa metade da minha vida me redime”, não está falando da redenção no sentido de salvação, mas sim de libertação, para esclarecer que ao narrar essa parte da

sua vida está de certa forma voltando a ser ela mesma e não somente os traumas e perdas que carrega consigo.

A narrativa de Sila tem características, na sua composição, que nos levam a entender melhor essa necessidade de narrar o trauma. No início, de cada capítulo, há reflexões sobre os temas centrais das memórias narradas, essa escolha do autor tem a função no texto de nos ajudar a entender que a memória permanece com os sobreviventes e que mesmo que repitam por várias vezes, sempre haverá o que dizer e o que refletir, essa característica marca a insistência em narrar. Na abertura da parte VI vemos a seguinte reflexão: "Confirmou-se que a vida é um eterno jogo de ilusão. Ilusão de sentimentos e de pensamentos, que menospreza toda a sensação de vitória e deprecia o abalo da derrota." (p.51). A reflexão, desse modo, sobre as decepções que viveu na sua história, mostra as situações difíceis que experienciou. Outra característica na composição que podemos notar é que em algumas passagens da obra, logo após essas reflexões, na abertura das partes, encontramos páginas em branco. Essa configuração, de páginas em branco, sugere lapsos da memória que fazem referência ao lembrar e esquecer que são os mecanismos da memória.

Ocasionalmente narramos os acontecimentos. E quando isso acontece, contentamo-nos com o aparente e fabuloso. São raras as ocasiões em que se questiona a ordem das coisas, se vislumbra o fim de um momento e início de outro, mesmo reconhecendo que cada momento é singular na sua gênese, zênite e decadência. A nossa existência caduca se esgota no esquecimento. Desatentos, como se não se tratasse da nossa própria existência, não nos questionamos sobre quanto sobra para ser narrado aos que depois de nós contaram as estrelas no céu e cantarão a epopeia do resgate. (p.39)

Enfatizando que as memórias estão caducando, ou seja, prescrevendo e sendo anuladas ao longo do tempo, como se as narrativas dos combatentes não fossem importantes para a história no país. Da perspectiva do tempo presente, ao pensarmos em grandes lutas, guerras ou catástrofes é natural que venha a nossa mente pensamentos sobre aqueles que viveram o sofrimento de estarem dentro de contextos como esses, principalmente os sobreviventes que levam consigo experiências que ninguém além deles saberão mensurar, justamente por isso a narrativa desses acontecimentos é tão

importante para que a história seja contada, no entanto muitas vezes os fatos são utilizados de um ponto de vista que desconsideram em boa parte as suas lembranças, portanto as memórias desses sobreviventes acabam caducando por não serem ouvidos e considerados. A narradora utiliza o verbo “esgota” que dá o sentido de um esquecimento gradativo, que com o passar do tempo e aquilo que antes era importante passa a ser deixado de lado, como se os seus relatos não fossem a sua própria existência, então quando afirma que a “nossa existência” está sendo esquecida, não se refere somente sobre as pessoas, mas sobre as pessoas que fizeram a luta de independência, os ideais que moveram as ações dos envolvidos na libertação da Guiné-Bissau e que ao decorrer do tempo, no pós-independência, vai sendo esquecido, uma vez que a narrativa sobre a história do país não leva em consideração os relatos da maioria, e por esse motivo os mais jovens acabam conhecendo apenas a versão panfletária e eufórica dos acontecimentos em torno da luta. Em nossa leitura, notamos a insistência da narradora, que no período pós-independência, procura trazer à vista os ideais coletivos, que foram sendo esquecidos, assim como a existência dos combatentes e seus sonhos.

As memórias antes da luta: O fim de uma coisa é sempre o início de uma outra

A primeira lembrança da infância, narrada pela protagonista, era a de sua ambição por conhecer e questionar as coisas, entretanto também houve os entraves, como o que nos conta sobre a figura de sua mãe: “em endossar-me a crença na existência de uma ordem natural, preestabelecida. A essa ordem devia-se respeito absoluto” (p.13), mas questionava todas as coisas, estava na fase das perguntas e curiosidades sobre a vida e acabou tendo a audácia de questionar a sua mãe sobre o curso natural da vida que tanto prezava.

Todas as vizinhas e amigas da minha mãe diziam que ela entendia da vida, que sabe lidar com toda a gente, sempre com respeito e gentileza. Nunca batia nos filhos e era raro ouvi-la a falar alto. Mas há uma coisa que descobri que a alterava de uma forma radical, tornando-a uma outra pessoa, completamente diferente: ser contrariada. Ela detestava isso a valer. Foi o que eu erradamente fiz

naquele dia, questionando a validade da ordem natural das coisas.(
p.13)

A memória, posteriormente narrada, é contando a sua reação com a notícia da morte de sua mãe. Um momento que mudaria o curso natural da sua vida. A vida da personagem foi marcada por perdas dolorosas e convivências difíceis que geraram a dor e o sofrimento. Em uma passagem relata o modo como recebeu a notícia do falecimento de sua mãe e como reagiu: "Mas eu não conseguia chorar sequer, era como se o mundo tivesse parado de repente. Não entendia nada." (p.18), e expressa em seguida como se sentia em relação ao seu padrasto, com quem continuaria morando por um tempo após a morte de sua primeira mãe: "Detesto o meu padrasto e acho que ele me detesta ainda mais. Diria até que me odeia. Notei isso há muito tempo, desde aquele dia em que me batera a mim e depois à minha mãe sem razão nenhuma." (p.19). Vejamos que nessas duas citações, a personagem utiliza dois tempos verbais para se referir a algo que aconteceu no passado, descrevendo os seus sentimentos ao perder a sua mãe utiliza o verbo conseguir conjugado no tempo passado, "Mas eu não conseguia chorar sequer", em contrapartida ao se referir as memórias sobre o seu padrasto vemos que o tempo verbal é o presente, "Detesto o meu padrasto", isso acontece pois quando a narradora utiliza os mecanismos de memória para recordar e contar a sua história acaba fazendo essa fusão dos tempos verbais, porque a personagem acaba recordando os sentimentos referentes a essas memórias e por isso expressa as suas emoções como se aquela situação estivesse acontecendo no presente, no momento em que as narra.

A partir desses relatos percebe-se que a personagem já na infância viveu grandes conflitos e sofreu violência física e psicológica por parte do seu padrasto, e vai se tornando cada vez mais perceptível que as memórias da infância também vão se misturando às experiências da vida adulta. A personagem e sua primeira mãe sofreram agressões por parte do companheiro de sua mãe de várias maneiras, seja quando ele sobrecarrega a protagonista com o trabalho da casa, quando ficava bravo ou mesmo com violência psicológica, dizendo frases como essa: "Tu nunca foste criança" (p.17), essa era uma forma de menosprezar a menina, e em outros momentos quando falava sobre ela para os outros buscava passar para eles a mesma impressão que tinha a

respeito dela afirmando, “ *Ela é assim, já vos tinha dito*”, voltou a falar o meu padrasto. A sua voz mete-me medo, muito medo.” (p.19).

À medida que se expõe - conseguimos compreender que conviver com este homem era uma agonia diária, ou seja, a sua infância foi difícil e deixou marcas que permanecem por toda a sua vida como a solidão, sua companheira frequente desde a morte de sua mãe. Quando se viu sozinha e com a necessidade de assumir responsabilidades de adulto ainda bem jovem, começou a desejar tornar-se adulta para poder fazer as suas próprias escolhas. Observamos esse anseio em: "Encontrara sempre formas de expressar os meus sentimentos sem me denunciar. E sem me denunciar nem vacilar, tenho que me assumir como pessoa adulta e agir em conformidade. Depressa." (p.21). Assim, vemos que buscava formas de expressar seus sentimentos de maneira que as pessoas não percebessem como realmente se sentia e procurava sempre agir com maturidade diante das situações, pois tinha o sonho de ser livre para fazer as suas próprias escolhas e para não depender de outros como o seu padrasto e seu tio, como quando revela um pensamento sobre o seu desejo de liberdade: “Imaginava o prazer de ser eu, e só eu, a decidir o que fazer e deixar de fazer, quando quisesse, como quisesse. Por isso quis ser adulta depressa.” (p.28). Além do mais, sofreu bastante para se adaptar com a nova realidade da sua família adotiva até alcançar o seu anseio de independência. Após a morte de sua mãe biológica, a personagem passou um tempo morando com o seu padrasto até ser levada por um tio para criá-la, mas não permaneceu por muito tempo com ele, logo fugiu da casa de seu tio e foi morar com uma mulher que conheceu, e a essa se refere na narrativa como “nova mãe”, com quem viveu até decidir ir para Conacri, servir na luta de libertação. Às várias situações em que as escolhas decisivas eram necessárias, como escolher sair da casa de seu tio para morar com uma mulher que até aquele momento era praticamente uma desconhecida.

Fugi da casa do meu tio. Fui morar com a minha nova mãe. Sim, tinha ganho uma mãe, uma mãe verdadeira, depois de ter perdido a outra. Foi quando entendi que quando um ente querido nos deixa, muitos podem estar a chegar. Era o que, afinal, a minha primeira mãe andava a repetir-me. Fiz para não haver início nem fim. Dei-lhe todo o amor que tinha reservado à minha primeira mãe e não me preocupei com o retorno. Eu tinha certeza que ia surgir, esse amor genuíno da minha nova mãe. (p.26)

Ao lermos as passagens em que a narradora faz memória desse período da sua vida, conseguimos notar que há uma certa ausência de detalhes quando se refere à fuga da casa de seu tio, pois não descreve os motivos que a fizeram querer ir embora da casa dele para morar com uma mulher que não era da sua família. Além disso, essa ausência de memórias também se aplica a sua “nova mãe”, pois poucas são as lembranças das experiências que viveu com ela e seus irmãos, na narrativa. Desse modo, vamos verificando que sobre esse contexto da sua história existem alguns lapsos de memória, ou seja, ausências de detalhes e de lembranças que geram esse vazio no meio da construção narrativa, mas nos deparamos com interrogações acerca dessa época de sua vida, é interessante levarmos em consideração que quando tratamos de questões da memória esses esquecimentos são comuns tendo em vista, que lembrar e esquecer são as formas que temos para narrar os fatos vividos e testemunhados.

Mesmo diante da ausência de detalhes sobre esse período da sua vida, não podemos negar que a alegria de ter ganho uma nova mãe tomou conta da personagem, era a esperança de ter novamente uma família e uma mãe para quem dar todo o seu amor. A sua nova mãe a matriculou na escola, e teve que adaptar-se o que não foi fácil começando por ter que acordar cedo para ir com os seus novos irmãos para a aula. Foi justamente neste lugar que mais sofreu para se adaptar. Era a filha adotada, e na escola sofria por ser a mais velha da classe e até os filhos de sua nova mãe a insultavam:

Gozavam comigo por tudo e por nada. Abusavam do facto de saberem que eu não me atreveria a bater neles por ser quem sou...O pior é que mesmo os filhos da minha mãe, que ficavam numa outra sala, quiseram fazer o jogo. Já não eram só os da minha sala, era toda a escola a querer divertir-se à minha custa. E tudo era aproveitado: uma palavra mal pronunciada, um gesto extemporâneo, o meu penteado. Até o meu nome às vezes era motivo de troça. (p.29)

Os desafios estavam constantemente presentes na vida da protagonista desde sua infância, como vimos sofria por ser mais velha da turma, brincavam sobre seu penteado e até mesmo sobre o seu nome. Mas apesar de tudo, nenhum deles era o maior desafio para lidar. Na passagem, o seu maior desafio mesmo era ter que falar na língua do branco, ou seja, era obrigada a aprender a língua do colonizador na escola. Conseguimos perceber que já na infância não se conformava de não poder falar na sua

língua “Detestava-a e mil vezes me interroguei por que tinha que ser assim. Tudo muito sofisticado, sons que não conseguia pronunciar direito, palavras moles para gente que não tinha dentes na boca” (p.29), ao lermos essa citação compreendemos que não gostava de ter que aprender a língua dos brancos e deixa explícito que preferiria falar na sua língua materna, mas isso não era possível no contexto em que estava inserida, visto que o idioma ensinado na escola era o do colonizador e permanece até os dias de hoje, em Guiné-Bissau o português é o idioma oficial mesmo após toda a luta de libertação prevaleceu a língua do branco sobre as línguas dos nativos. Vejamos, algo interessante que essa passagem da obra nos apresenta é que em nenhum momento a personagem diz qual é a sua língua, e sem dúvidas se estivesse explícito traria para a situação uma perspectiva unicamente pessoal, entretanto para entendermos melhor é preciso esclarecer que em Guiné-Bissau, da mesma forma como em outros países existem mais de uma língua falada por seus habitantes e quando narra que não gostava e não queria ter que aprender aquela língua, a portuguesa, ao invés da sua, nos dá a possibilidade de pensarmos ser essa uma inquietação, angústia e até mesmo o pensamento de outros guineenses, sendo assim um pensamento coletivo, visto que não era a única obrigada a se submeter a essa violência linguística de aculturação. Ou seja, sofreu na escola de não querer aprender em uma língua que não era a sua, podemos perceber na narrativa nesse momento da história, o país era colonizado por Portugal, todo o processo de violência cultural, linguística era opressivo, e sendo inseridos no cotidiano das pessoas, a fim de que se adaptassem ao regime colonialista de Portugal.

Memórias da luta de libertação: A descrença adquire uma dimensão colectiva e a barbaridade ultrapassa os limites da narração

Mesmo com todos os desafios vividos pela protagonista dentro da escola na qual sua segunda mãe a matriculou com seus irmãos adotivos, foi lá onde conheceu o seu homem, aquele que logo iria apresentá-la aos ideais de liberdade, de justiça e independência. Veremos que este homem teve um papel fundamental para que a personagem aderisse à luta com tanto empenho e comprometimento. “Nessa escola em

que no início tudo detestei, foi onde conheci o homem que mais amei depois do meu pai.” (p. 30).

Nesse contexto de sua narrativa vai apresentando algumas questões que trazia dentro de si, questionava se a mulher precisava pertencer a um homem e queria entender por qual motivo não havia uma forma mais harmoniosa de relacionamento, não descansou até entender melhor sobre essas coisas que a intrigava, como uma mulher curiosa e cheia de anseios e curiosidades aderiu aos ideais apresentados pelo seu homem de justiça e liberdade. Em breve, estaria lutando pelo mesmo desejo de liberdade e independência daquele que amava profundamente, aderindo à luta, mudou-se para Conacri, de onde narra boa parte das suas memórias e lá se engaja no movimento que liderava a luta e que posteriormente assumiria o governo de Guiné-Bissau no pós-independência:

Os primeiros tempos em Conacri não foram fáceis para mim. Perguntei-me qual era a minha missão antes de me dizerem que havia uma missão para mim. Tinha que satisfazer-me a mim e ao Partido. Eu queria tê-lo, o meu homem, o Partido queria ter-me e em exclusivo. Tinha que estabelecer uma ordem nas coisas, definir uma prioridade no meio de tantas prioridades. Disciplina diziam ser a palavra de ordem número um. (p.53)

O Partido era exigente com relação ao compromisso dos seus membros, cada um deles tinha o seu papel dentro da luta de libertação de Guiné-Bissau, a personagem narra que logo no início foi colocada para servir na cozinha preparando os alimentos para “os camaradas”, membros do movimento, do Partido e os combatentes. Embora tenha deixado claro que gostava de cozinhar: "As caldeiras eram enormes, como nunca tinha visto antes, e era preciso muito mais empenho para o arroz sair bem. Sempre gostei de cozinhar.” (p.54). A cozinha foi o lugar onde passou um bom tempo servindo e sempre conservando dentro do coração um grande desejo de reencontrar o seu companheiro que estava servindo na luta, e do qual não tinha notícias, a angústia era imensa, principalmente naquele contexto de confronto em que ele se encontrava, sua esperança era encontrá-lo em meio aos camaradas, o que não aconteceu mesmo com o seu grande empenho de perguntar sobre ele a todos que passavam por sua cozinha, atrás de alimento. Adiante viria a ter conhecimento sobre o seu paradeiro por meio de uma

notícia de jornal, no qual o Partido tinha publicado um comunicado sobre os desdobramentos da luta dentro e fora das terras de Guiné-Bissau, juntamente com esse comunicado havia também uma foto de um jovem, era o seu homem e a partir desse momento nos relata o que sentiu ao ver a imagem:

À medida que se confirmava a minha suspeição inicial, ia crescendo dentro de mim a emoção, que não conseguia controlar. Lágrimas traiçoeiras começavam a pingar sobre o jornal. Dei-me a soltar soluços como uma criança. Ramatulai abraçou-me em silêncio e manteve a minha cabeça encostada ao seu ombro durante um bom tempo. (p.58)

O desejo de reencontrar o homem que amava era grande e por isso manteve esse anseio vivo mesmo após o grande período em que estiveram separados. Esse reencontro foi aguardado constantemente por muito tempo e quando se deparou com o comunicado, a emoção foi tanta que a sua amiga Ramatulai a abraçou.

Entre tudo isso, vivia o seu serviço junto à luta, era uma alegria pessoal no aguardo desse acontecimento e ao mesmo tempo uma alegria coletiva por ter lido o comunicado do Partido sobre o sucesso da luta pela independência da Guiné-Bissau. O comunicado não era algo pessoal como uma carta, na verdade era um comunicado para as pessoas que estavam lutando com o Partido em busca da independência do país, portanto para a coletividade. Com o seu companheiro ao lado poderia concretizar alguns desejos que tinha como o sonho de ter uma família. Seus anseios e expectativas para esse encontro eram grandes, pois havia muito tempo que estava distante, e narra como ocorreu o momento: “Mas nosso reencontro foi tudo menos o que imaginava. Não senti aquele entusiasmo que esperava e tanto desejei encontrar nele. Tudo se reduziu a um simples olhar e um abraço que nem sequer foi apertado. Fiquei decepcionada e triste.” (p. 75). A mulher desejava encontrá-lo com a mesma alegria e entusiasmo com os quais o viu partir, no entanto, se deparou com um homem calado, sério e sem expressão e tudo isso gerou nela a dúvida sobre os sentimentos de seu companheiro, de fato nesse momento os sentimentos românticos e esse amor só estavam na memória da protagonista, aquele homem nem sequer teria a possibilidade de alimentar tais sentimentos diante do contexto em que estava inserido. O homem que voltava de uma frente de combate realmente não era o mesmo que viu se ir o que viveu naturalmente mudaria o seu modo de lidar com os seus sentimentos, e nos convém pensarmos que ele

não era mais um homem comum, ele era um soldado, um combatente, um guerrilheiro, viveu o combate, enfrentou o sono, a fome, viu muitos morrerem inclusive seus companheiros, ele não era mais o jovem que ela viu partir e sim alguém que estava em uma frente de batalha, ou seja, como o soldado combatente precisa lidar com os seus traumas e cicatrizes e por esse motivo é muito comum que as suas reações estivessem frias e sem intensidade. Mais adiante, lemos um diálogo que teve com seu homem sobre os motivos que o levou a agir daquela maneira e até mudar de nome. Então, o seu tempo de missão na frente sul, onde serviu na luta de libertação, observamos que de modo inconsciente utiliza os mecanismos de memória ao testemunhar para sua companheira tudo aquilo que viveu durante os meses que esteve servindo: “Do que mais gostei foi o ambiente que descobri e os ensinamentos que tive naquela base durante os dias que lá passei.” (p.78). Uma questão importante sucede após a vinda de seu companheiro: o fato de que a protagonista fica grávida dele durante esse tempo de retorno, em que os dois se encontraram e acabaram formando sua família; no entanto após algum tempo, precisou voltar para a missão e foi enviado para a frente Leste e deixando sua companheira grávida. O que queremos destacar aqui é o fato da narradora ter permanecido na sua missão e novamente esperar por um acontecimento coletivo, como o fim da luta para ter o seu companheiro de volta.

Após relatar o reencontro com seu companheiro nos apresenta uma nova lembrança de quando deixou de servir na cozinha para assumir a função de enfermeira devido uma situação com a qual se deparou no seu percurso diário, viu um combatente que estava correndo risco de morte e foi ajudar na cirurgia, mesmo não gostando de ver sangue: “Foi numa manhã de Setembro, com um vento fresco a soprar do mar. Esse dia marcou-me para sempre e deu um novo, inesperado rumo à minha vida.” (p.64). Muitas transformações aconteceram depois desse fatídico dia em sua vida, passou a ter uma grande importância dentro do Partido, dado que ser enfermeira naquele contexto era comparado ao modo como nos dias atuais vemos os médicos, e principalmente pela maneira com a qual demonstrou sua coragem, isto é, a sua atitude foi reconhecida e daquele momento em diante passou a trabalhar no hospital em Boké⁴. É interessante que

⁴ A capital da província de Boké fica na Região da Baixa Guiné, perto da fronteira com a Guiné-Bissau. É também uma subprefeitura de Boké. Localizado ao longo do Rio Nuñez, que deságua em sua foz não muito distante no Oceano Atlântico, Boké é um porto. Além disso, era onde ficava localizado o Hospital de base na luta de libertação de Guiné-Bissau.

a narradora também faz um questionamento, uma autorreflexão sobre os acontecimentos imprevistos que mudam o rumo das nossas vidas pessoais e que de alguma maneira pode influenciar na vida de muitos outros, antes ela preparava o alimento dos camaradas e agora tinha a responsabilidade de cuidar dos feridos e salvar vidas:

Pergunto-me qual teria sido o meu percurso se não tivesse havido aquela operação cirúrgica de emergência no hospital de Boké para salvar a vida de um camarada combatente que tinha dois estilhaços no peito e corria risco de morte, num dia em que as nossas enfermeiras naquele hospital se encontravam ausentes em missão de serviço.(p. 64)

Ao fazer essa reflexão, abre um leque de possibilidades e de rumos que a sua vida poderia tomar, sobretudo por ter desde de sempre um desejo de ser professora: “Ver o mundo com olhos de professora não é o mesmo que com olhos de enfermeira. Lidar com crianças não é o mesmo que cuidar de doentes e feridos. São paixões diferentes.” (p.67). O Partido era muito exigente e ninguém ousaria recusar uma ordem deles, aceitou mesmo com receio, pois sabia que no contexto da luta precisava fazer tudo o que fosse capaz para ajudar a alcançar o ideal coletivo de liberdade e independência da tão desejada Guiné-Bissau. Como muitas outras mulheres no contexto de luta, assumiu o seu papel e assim como os combatentes que se colocavam nas frentes de batalha, aprendeu a servir no cuidado com os feridos. Ser enfermeira era um grande desafio por ter uma certa aversão a sangue, mesmo assim se dispôs a fazer o necessário para cuidar dos feridos e até mesmo participar de cirurgias. Na passagem a seguir descreve que mudou a sua percepção sobre a capacidade de ser enfermeira ao fazer o que era necessário mesmo com medo: “A vida me ensinou que nada é eterno, que não há problema sem solução. Aprendi que era capaz de ver uma pessoa a sangrar e não pôr-me aos gritos ou fugir, que podia lidar com a doença sem chorar, sem pavor nenhum, e que podia até vencê-las.” (p.72).

Quando a luta chega ao fim, e finalmente a independência de Guiné-Bissau é conquistada, a mulher narra suas perdas:

Eu sou dos inúmeros concidadãos que definitivamente vão voltar para casa magoados, com alguma amputação, temporária ou vitalícia. Eu levo todo um sonho amputado, sim, mas em vantagem em relação a muitos deles. Vou sem o meu

companheiro de vida, sem meu filho, mas com uma irmã, a irmã do coração (p.92)

A narradora, ao rememorar todas estas perdas, faz uma contraposição entre a amputação física, se referindo às consequências da guerra em muitos combatentes e até mesmo em muitos que perderam a vida na luta, com o que chama de amputação dos seus sonhos. Ao perder o seu marido e filho, junto deles foi o sonho de ter a sua família, foi boa parte de tudo que tinha conquistado e se via ali mais uma vez necessitando recomeçar, porém agora trazendo na memória grandes marcas e na vida o que chamou de amputação, chamamos de marcas permanentes. E também marcas coletivas, como a deste episódio, dos conflitos dos anos 80.⁵

O testemunho das suas experiências é único, mas engloba a coletividade tendo em vista que muitos outros sobreviventes compartilham com a personagem de dores, traumas, de perdas, de sofrimentos parecidos e da necessidade de serem ouvidos. “Sem a nossa vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe o testemunho.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p 72), por isso aquele que carrega um trauma necessita testemunhar e contar as suas experiências, pois só desta maneira essas memórias passam a fazer um pouco mais de sentido no presente da narração, mas é preciso ter para quem contar, mesmo que no objeto aqui estudado estejamos no plano da ficção, vale notar que a narração estabelece um fluxo que se assemelha ao testemunho. Na ficção, o testemunho torna-se o da coletividade.

Agora, fora do contexto de luta seria somente ela, suas lembranças e as consequências desses anos. Lembrar e esquecer são os mecanismos presentes quando o sobrevivente conta o testemunho da sua experiência, assim, hora lembra de algo e relata e em seguida já nos apresenta outra lembrança desse modo, a história é contada e a pessoa vai se sentindo aos poucos parte novamente da sociedade mesmo com os traumas. A personagem de *Memórias SOMânticas (2016)* argumenta na narrativa que,

⁵ “Em 14 de novembro de 1980, o então presidente da república Luís Cabral, sofreu um golpe de estado, tendo como justificativa salvaguardar a unidade nacional e os ideais revolucionários, o derrubou, em nome do que foi chamado eufemisticamente de “movimento reajustador”, liderado pelo então primeiro ministro João Bernardo “Nino” Vieira, um dos principais estrategistas das lutas libertárias, guerrilheiro lendário, herói nacional igualmente carismático, um dos braços fortes do PAIGC. A 17 de novembro de 1986 as tensões se concretizaram provocando uma série de prisões e de execuções de líderes políticos e essas mortes ainda hoje pairam como sombra na história do PAIGC e de seus governantes.” (AUGEL, 2005, p. 58)

“[h]á certas coisas que a gente não escolhe na vida e tendo-as não se pode escondê-las por mais que se queira. São traiçoeiras e indomáveis. As sequelas dessa guerra é uma delas.” (p.87).

É interessante vermos que no decorrer dos anos de luta boa parte dos personagens que estão presentes na narrativa vão cada vez mais tomando consciência dessa luta, dos sacrifícios e renúncias, dadas como necessárias para conquistarem a independência.

Depois de vários anos de dor e esperança, íamos finalmente voltar para casa. Um regresso que não se anunciava fácil nem confortável como devia parecer à primeira vista. Muitos de nós iam com o sonho ou o corpo amputado, sem certeza do que iam reencontrar depois de tantos anos. Atingimos o nosso objetivo principal mas, mesmo que pacífico e ordeiro, era enorme o desafio do recomeço. (p.92)

Também ocupava um lugar no Partido que comandava a luta e tinha o respeito de muitos por ter se tornado uma enfermeira corajosa, pois em meio a uma guerra, se faz o que se precisa e o que precisa é o que é capaz de fazer.

Esse processo de lembrar/esquecer é parte de um mecanismo que vamos entender melhor, a partir do que Jeanne-Marie Gagnebin, em “Memória, história e testemunho” da sua tese *Lembrar Escrever Esquecer*, explica:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (2006, p.55)

Assim, a importância da rememoração se torna mais compreensível, pois existe a necessidade de rememorar o passado para ressignificá-lo no presente, tanto as memórias pessoais quanto do contexto dos anos da luta de independência reafirma que não é louca, como uma forma de reafirmar para si mesma ou para os leitores. Em relação às memórias do contexto de luta isso também acontece, uma vez que a rememoração ajuda os sobreviventes a ressignificarem as suas vidas e a história do seu povo ou nação. Com isso, a importância da memória consiste na reconstrução da sua história pessoal e por meio dela a história de um povo, não só para deixar registrado as

glórias, mas também as barbáries, guerras e genocídios para que o povo que vem depois não repitam os mesmos erros, para que o futuro seja diferente do passado, para que os sobreviventes encontrem um certo “alívio” ao ser ouvido. Usamos a palavra “alívio” para tentar levá-los a compreenderem que para os sobreviventes nada será como antes, as suas percepções sobre o mundo e as pessoas mudaram e essas mudanças não são frutos de experiências agradáveis e sim de um contexto de muitas perdas. Lembrar, esquecer e reescrever ou recontar são ações necessárias, e à medida em que a personagem da obra de Sila faz os seus relatos, esses mecanismos são incorporados à ficção.

Ao longo da obra, lemos considerações de parte da narradora, que nos ajudam a perceber a complexidade do que é viver carregando “o fardo da memória”:

Há momentos em que fico com a ideia de que a vida obrigou-me sempre a fazer escolhas difíceis. Não entendo porquê. Quando olho ao lado, vejo que há gente que tem a vida mil vezes facilitada. Têm tudo alinhavado, tudo a correr sem atritos, sem nenhum tipo de preocupação. Parecem atrelados...não tem que optar, não tem que questionar, não tem que diariamente carregar o pesado fardo da responsabilidade imposto pelo compromisso com a memória. (SILA, 2016, p.95)

Ao ressaltar a diferença de responsabilidade com a memória que um sobrevivente tem, em relação com aqueles guineenses que não a viveram, ou seja, não é só uma questão de ter que lidar com os traumas e experiências pessoais, mas de manter viva a história de toda uma nação e de ser responsável de certo modo, por manter vivo o desejo de independência e liberdade. Por essa razão, chama de “pesado fardo da responsabilidade” porque isso só é imposto para aqueles que testemunharam e que estiveram combatendo os colonizadores. Ao longo da narrativa a protagonista discorre sobre algumas pessoas que partilhavam dos mesmos ideais, são aqueles que compõem essa coletividade. Citamos o companheiro da personagem que teve um grande papel em sua vida, principalmente porque foi ele quem despertou nela a consciência da necessidade de lutar pela independência da então Guiné-Portuguesa. Eles tinham um relacionamento, mas mantinham segredo e por isso os encontros eram às escondidas. Em alguns relatos descreve que seu homem já tinha os ideais de libertação e de

independência quando se conheceram e que o desejo de liberdade era latente dentro dele.

Levei muito tempo a descobrir quem lhas inculcava, mas confessou um dia, pouco tempo antes de partir. Falava-me de igualdade, justiça, liberdade e muitas outras coisas de que nunca ouvira falar antes. Via-se que quando abordava esses assuntos havia algo que o agitava por dentro e que por fora o tornava mais comunicativo, cada vez mais emotivo. Lembro-me de como ele me surpreendera um dia com um grito cheio de emoção, esquecendo-se que os nossos encontros eram secretos e que tudo o que tínhamos que fazer ou dizer um ao outro tinha que ser sem alvoroço, sem chamar atenção: “-Vamos ser africanos!” (p.35)

Deduzimos que a personagem só teve um primeiro contato com os ideais de libertação, justiça, igualdade e luta por meio da convivência com o seu companheiro. Mas depois de entender que não era uma causa pessoal do seu parceiro e sim um desejo que muitas outras pessoas tinham, aderiu à luta por essas causas e a partir disso o rumo da sua vida se encaminhou em uma direção contrária a tudo que imaginou viver um dia, tudo isto tendo em vista ajudar aos seus a conquistarem a tão sonhada independência de Guiné-Bissau. Outros personagens também são citados em suas memórias, os “camaradas do partido”, “As companheiras de quarto”, a amiga Ramutulai que era como uma irmã, o Tio Tunkan e os seus filhos do orfanato. A sua memória vez ou outra narra momentos em que esses personagens estão presentes em situações coletivas, quando das reuniões do partido, por exemplo, sempre dá ênfase em algum assunto discutido ou sobre algo que é novo, para ela naquele contexto, também quando lembra da reunião do Partido que aconteceu após ter ajudado a salvar a vida de um “camarada” no hospital: “Depois dos elogios e dos aplausos decidiu-se, para minha grande surpresa, que eu ia ser enfermeira. Não me lembro de alguém ter perguntado se estava de acordo ou não. Era uma decisão do partido e uma decisão do partido não se questionava” (p.66). Como observamos, disposta a abraçar quaisquer que fosse a ordem do partido, visto que tinha a consciência de que tudo era para o bem de um todo, ou seja, para a luta coletiva, então a inserção dos personagens que juntamente com ela constituem a sua história e a história de seu país. Em boa parte da obra, há uma espécie de crítica ou mesmo um questionamento sobre as escolhas difíceis, uma espécie de crítica sobre a injustiça. Por exemplo, quando falamos da enfermagem neste período da luta de

independência da Guiné-Bissau é importante explicar um pouco o contexto da formação em enfermagem naquele período, já que no país não tinha um lugar para formar essas pessoas que iriam servir como enfermeiras, então o Partido ao qual a protagonista se refere, o PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) enviavam predominantemente as mulheres para estudarem enfermagem na então União Soviética para serem formadas e voltarem aos seus países para servir na luta de independência cuidando dos feridos. Dentro do partido as mulheres assumiram funções relevantes para que a luta obtivesse êxito, conforme argumenta Patrícia Godinho Gomes:

[...] as mulheres participaram na luta de libertação assumindo, essencialmente, papéis que de algum modo se esperava que elas pudessem desempenhar, e considerados “socialmente importantes”: enfermeiras, professoras, transportadoras de mercadorias, responsáveis pelos comitês de tabanca, membros dos órgãos judiciais das regiões libertadas, entre outros. Ainda que essas funções fossem relevantes, seja em termos organizativos seja estruturais, não permitiam às mulheres participar das decisões políticas, confinadas à margem do centro do poder político e das suas mais importantes estruturas. Das antigas combatentes por mim entrevistadas, quase todas elas assumiram papéis socialmente importantes e pouquíssimas assumiram cargos de destaque em nível político. (GOMES, 2021, p. 90)

Considerando o texto da pesquisadora, mais uma vez nos vemos voltados para os mecanismos da memória lembrar/esquecer, pois no contexto da luta as mulheres, assim como a narradora de Abdulai, assumiram as suas missões com toda a dedicação, e eram lembradas por isso, mas após a independência muitas dessas mulheres ficaram esquecidas e sem importância dentro da história de libertação, sem presença alguma, as suas experiências foram obliteradas. Um outro exemplo, relativo ao que viveu com o Partido no pós-independência, ajuda a entender esse processo de esquecimento, apagamento: não conseguia sementes para alimentar as crianças do internato, era frustrante não poder contar com aqueles com quem ela lutou e serviu lado a lado “Precisava de sementes, que ninguém tinha para me oferecer e eu não tinha dinheiro para comprar. Fui ao ministério na esperança de encontrar algum conhecido que me pudesse ajudar. Ninguém me ligou.” (SILA, 2016, p.107). Essa situação nos faz perceber que realmente depois da independência o que restou para a maioria dos

guineenses envolvidos na libertação de Guiné-Bissau foram os rastros e restos dos seus ideais e das suas vidas.

Os restos são os fragmentos daquilo que foi destruído, como um monumento histórico que mesmo depois de ser derrubado não pode ser apagado da história, pois foi palco de grandes acontecimentos e sempre estará em cena na memória de muitos. No caso da luta de independência, os restos são as memórias dos sobreviventes, restos de dor, medo e também de sonhos, ideais e esperança. Os rastros dessa luta estarão sempre presentes em cada um deles, como uma pegada deixada e que não pode ser coberta ou apagada, precisarão lidar com os rastros de tudo que viveram e que ficaram marcados em cada um deles, enquanto carregarem o “fardo da memória”, isto é, aprender a conviver sem se resignar aos rastros que essas experiências deixaram em tudo que são, desde a memória até as suas ações no mundo como sobreviventes. Há a mágoa também que é uma espécie de luto coletivo.

As memórias depois da luta: O meu sonho pode estar amputado, mas a minha intuição não me engana

Ao decorrer da obra vemos que a narrativa percorre as memórias em torno de um período de quase 40 anos, o período da luta de libertação e também parte do pós-independência. Como veremos melhor a seguir, o pós-independência não aconteceu como a maioria esperava ou como eles aspiravam viver, na verdade podemos ver a frustração com a qual a protagonista fala sobre o fim da guerra e o início do pós-independência:

Viramos a página e eis que a História tende a repetir-se antes mesmo de ser História. A nossa verdadeira História. Evaporando o fascínio da solidariedade, o discurso cedo se divorcia da prática, minando os pilares e o encanto da mil vezes prometida alvorada. É a ideologia do tafal-tafal que se instaura, impondo um futuro fusco e entorpecido. A descrença adquire uma dimensão colectiva e a barbaridade ultrapassa os limites da narração. Porquê? (p.93)

É evidente a indignação da narradora sobre os rumos que a história de Guiné-Bissau foi tomando, os ideais e sonhos coletivos foram sendo esquecidos e dando lugar mais uma vez ao que chamou de “ideologia de tafal-tafal”, ou seja, a ideologia da "trapaça", porque o discurso sobre a mudança, sobre ser um país mais solidário, justo e comprometido com os guineenses não aconteceu na prática.

Uma parte da História-estava se repetindo, sem antes ter a oportunidade de ser escrita de um novo jeito, “a história tende a repetir-se antes mesmo de ser história. A nossa verdadeira história”(p.93), deste ponto em diante vai narrando o rumo que sua vida e o novo país independente tomou e em meio a tudo isso, veremos que a realidade estava muito distante do sonho pelo qual lutaram. A perspectiva da verdade, que nos é apresentada nos faz pensar melhor sobre como os ideais da luta de libertação mudaram na prática, no pós-independência, ou seja, assim como aconteceu com grande parte dos países que foram colonizados, os colonizadores podem até sair do país, mas as pessoas que viveram esse processo em grande maioria acabavam replicando o mesmo modo de governar e até "doutrinar" as pessoas conforme as suas ideias e percepções.

Apesar dessa obra não ser uma biografia, mas uma obra fictícia, o que vemos – por meio da protagonista - são pessoas lutando para termos mais qualidade na educação, saúde e justiça. O desejo pessoal da personagem para o seu país se funde em certo ponto com o desejo coletivo já que todos aqueles envolvidos na luta de libertação estavam ali ancorados no sonho de um país livre, justo e governado para eles e por eles. Assim como o sonho era pessoal e coletivo, também a frustração e a decepção ao ver a história sendo repetida era coletiva.

Sobre essa decepção com relação a essa verdadeira história, a narradora ressalta e questiona o porquê. Em outras palavras, existem as lembranças do que os impulsionaram a aderirem à luta e a darem suas vidas por aquele ideal e existia a “história contada” a partir de uma minoria esquecendo a anterior. Porque a perspectiva da História é contada por aqueles que detém o poder, e a verdade histórica acaba se tornando aquela que é contada mais vezes, nos livros didáticos e a ensinada nas escolas, apesar da obra do Sila se tratar de uma narrativa fictícia não é difícil vermos a

proximidade ou a verossimilhança com a realidade em muitos países que foram colonizados.

Então podemos entender que a verdade acaba sendo relativa, já que é preciso levar em conta o ponto de vista de quem narra e os seus interesses por trás dessa versão da história. Em alguns momentos relembra a intensidade com a qual viveu cada momento do período da luta e das várias situações difíceis que testemunhou, essa é a história que só uma sobrevivente poderia contar com tantos detalhes:

Eu vi amor, paixão, entrega e determinação a germinarem, a manifestarem-se em todo o lado. Nos guerrilheiros e na população. Nas canções e no choro. Até no olhar das crianças mutiladas, que prematuramente perdera o brilho da inocência. Vi guerrilheiros com lágrimas nos olhos, homens adultos a chorarem como bebês. Mas vi também o pesadelo do passado a evaporar-se sob o calor desse novo sol e descobri os contornos do novo mundo de paz e harmonia que vinha anunciando nos cânticos. No escuro da pátria ainda subjugada, detectei uma tremeluzente luz projectada num horizonte não muito distante, que revela e confere o estatuto de cidadão obreiro da sua própria nação a quem ao encontro dela progride.(p. 78)

Tendo em vista que a colocação da narradora nos apresenta algumas imagens, de projeção para o futuro, entendemos que a história que tanto deseja que seja contada não consiste simplesmente em narrar os fatos de forma harmônica e bela, mas de levar o conhecimento sobre os acontecimentos de modo que seja possível ver a paixão, a determinação e a entrega com as quais os guerrilheiros, os combatentes, os enfermeiros, os cozinheiros e todos, os da coletividade.

Um pouco antes do fim da luta e do país ter sido proclamado livre pelo líder do Partido, a personagem descreve algumas dúvidas e incertezas que o povo tinha sobre o fim da luta, sobre o rumo que as suas vidas e em relação às coisas que os aguardavam nesse tempo de adaptação:

Quando é que a guerra ia acabar? Porque é que havia africanos lutando do lado dos brancos contra nós? Quando tomarmos a nossa independência e voltarmos para a nossa terra, os nossos comandantes vão continuar a confraternizar com os nossos combatentes como fazem agora? Quando acabar a guerra o nosso presidente vai precisar de guarda-costas armados? Nas nossas escolas vamos falar as nossas línguas ou a língua dos brancos? (p.83-84)

Consideremos que apesar do grande empenho e desejo dos combatentes, havia também as incertezas sobre o futuro e do país libertado, e o medo de verem a história se repetindo, ainda que grande, estava adiante de tanto tempo que se passava. Podemos dizer que houve um processo de assimilação, homogeneização cultural em Guiné-Bissau, pois a cultura do colonizador deixou grandes marcas na vida social dos guineenses, muitas dessas perguntas apontadas pela narradora obteve uma resposta diferente da que era desejada, uma vez que a narrativa sobre igualdade e o progresso que eram os fortes ideais pelos quais lutavam, em boa parte, não passou de um discurso. O povo estava descrente com o futuro sem brilho, sem esperança e paralisado diante do que despontava no pós-independência. Estes são sem dúvida alguns dos denominadores em comum da grande maioria dos países que foram colonizados - lidar com as marcas da colonização enraizadas no povo, com os conflitos de interesses, com a má administração exploração dos poderes públicos, por causas individuais e não coletivas. Além de todas essas preocupações e decepções, expressava a saudade daqueles que perdeu ao longo da luta, e levava consigo a desilusão de tantas promessas e ideais que se perderam, ao olhar para o seu país e o rumo que seu povo tomou se entristece, mas não perde a esperança. “Sei o que custa a desilusão, sobretudo quando ela se impõe no lugar de uma convicção alimentada durante anos” (p.102). Vejamos que grande parte do sofrimento consiste nas promessas não cumpridas, pois ao decorrer dos anos servindo perdeu muito e voltou para casa com os sonhos amputados, mas sempre com a esperança de que tudo aquilo valeria a pena.

A protagonista, ao estar em casa e perceber que não tinha pelo que lutar, resolveu servir novamente em uma causa nobre e necessária no pós-independência, cuidar de muitas crianças órfãs em um internato, mas sem camaradas, sem partido e sem ajuda do governo, perdeu seu filho e a vida apresentava muitos outros que precisavam de sua ajuda. A motivação em assumir a responsabilidade sobre essas crianças no internato mantinha o seu sonho vivo: “Quando reergui a cabeça e encarei a vida de frente, senti que ela tinha algo para mim, sim. Saí à procura. Perdi um filho, a vida tinha vários para mim. Aceitei-os todos. Eram mais de duzentos num internato.”(p.107).

Por meio dessa experiência com as crianças, conseguiu encarar a vida de frente, continuou lutando para alimentar todos eles e isso não era uma tarefa nada fácil, não

conseguia o abastecimento de comida para alimentá-los, nem mesmo com os camaradas com quem lutou, e a única maneira era sair a procura de alguém que ajudasse, precisava de sementes para alimentar. Encontrou um jovem que a ajudou em uma de suas buscas por alimento no Ministério da Agricultura:

Ganhei as sementes de que tanto precisava para assegurar a alimentação dos meus filhos no internato; a seguir ganhei a atenção de um jovem que, apesar de se recusar a revelar-me o nome da mãe, foi sendo cada vez mais camarada; depois ganhei alfaias agrícolas e adubo para aumentar a produtividade; ganhei até a ilusão de que tudo ia mudar, mas no fim perdi. Derrota que não entrava nas contas do destino e nem era obra do acaso. Perdi porque ganhou gente que defendia valores contrários a aqueles pelos quais nos batemos ontem. Perdi porque o Partido já vinha perdendo. Com poucos ganhos e muitas perdas esta nova vida ia se desvendando. (p.110)

A narradora começou a cogitar até a mudança do seu país, no entanto logo em seguida expressa mais uma vez a sua desilusão ao perceber que tudo aquilo acabaria. Perdeu a ajuda e teve que fechar o internato, perdeu os filhos que tinha mais uma vez e tudo isso porque aqueles que governavam o faziam para si, e a história se repetia. Não eram mais os colonizadores que os excluía, eram governantes guineenses e o Partido do qual a personagem fez parte, todas as promessas e ideais pelos quais muitos guineenses lutaram escaparam como areia nas mãos e a eles restavam as memórias de outros tempos. Até mesmo na sua velhice já no país independente sofreu por tudo que perdeu e por ter os seus sonhos arrancados em vários momentos de sua história, sente a falta do homem que tanto amou, do filho biológico e dos filhos do internato, dos sonhos pelos quais lutou na guerra e apesar de tudo isso encontra motivos para não se resignar, para não perder a esperança: “Eu rejeitei a submissão e abracei a vida. A vida tem que me abraçar também. Desejo de compensação ou mero pressentimento? Não importa. O meu sonho pode está amputado, mas a minha intuição não me engana” (p.113).

Sempre a se erguer em meio aos escombros de suas memórias, sempre lutando pelos sonhos a cada dia, a esperança não lhe faltava, assim como as lembranças do homem que tanto amou, e narrando a sua aflição descreve os questionamentos que carrega diariamente.

Preso a essa cadeira, diariamente me interrogo como teria sido a minha existência, a tua existência, a nossa existência, se aquele acidente não

tivesse acontecido. Eu e vocês dois, nós todos juntos, a viver numa casa e por uma causa. A nossa causa. Quando fecho os olhos vejo-os juntos, bem vestidos, elegantes, prontos para a vida. Cada um e cada dia mais orgulhoso do outro. Ambos felizes. Como naquela fatídica manhã em Boké. (p.116)

Entre as suas reflexões acerca da vida e da saudade que sentia dos que perdeu, também descreve uma situação que se tornou corriqueira, a presença de muitos jovens que desprovidos de ocupações, que passam o seu tempo jogando e bebendo o dia inteiro sempre alheios e com atitudes que descreve como sendo obscenas, desrespeitosas e sem pudor. “Quando notam o meu olhar desaprovador, mostram-se mais insolentes. Que pouca vergonha!”(p.117). Em determinada passagem, busca falar com o pai de um desses jovens pedindo para tirá-los da rua e que desse a eles uma ocupação, mas obteve uma resposta que não esperava, “-Ocupá-los com quê, por exemplo? - Sei lá...podiam ir aprender uma profissão. -Profissão? Para quê, se não tem emprego para eles.” (p.118).

Neste ponto, notamos outra questão que se arrastou no pós-independência, o desemprego e o pouco caso para com os jovens e com a educação. As experiências narradas pela protagonista expressam as suas memórias e as memórias coletivas de um povo, assim, as decepções com a nação e com a juventude não são vivenciadas apenas por ela, mas por um coletivo de outras pessoas que lutaram para que esses jovens tivessem mais possibilidades do que um dia seus pais e avós tiveram, na esperança de que Guiné-Bissau se torne tudo aquilo que um dia sonhou. A narradora não hesitou em compartilhar as suas histórias e os ideais que moveram a sua vida até o fim.

Nesta longa e sinuosa caminhada em busca da utopia há momentos em que o discernimento não se impõe, não se exige. Afirma-se uma inexplicável convicção de que há deveres impossíveis de ignorar. Dissimulada algures na fronteira entre a loucura e a paixão, forja-se a certeza de que nascemos para uma missão. (p.123)

Para esses jovens não havia sonhos e ideais pelos quais lutar e eles não assumiram com tanto compromisso e desejo os sonhos que a protagonista tinha, não conheciam sequer a “verdadeira história” do seu país.

Na sequência, expressa o desejo de encerrar a sua narrativa, a sua história e finalmente encontrar em “outro mundo” um lugar desprovido de tanta maldade e faz indagações sobre esta outra vida.

Como é que será nessa outra vida? Estarei só? Terei companhia? E se tiver, serão as mesmas pessoas com quem lidei neste mundo? Uma vez sinto que tenho contas a acertar com alguns sacanas, que gostaria de rever e enfrentar, mas interrogo-me se essas contas transmitem para esse outro mundo. Outras vezes, faz-me tão bem saber que reencontrarei todos os que neste mundo amei, todos os que me ajudaram a ser eu: os meus avôs que não conheci, os meus camaradas, o meu pai, a minha mãe, o meu homem, o meu filho... Ah, o meu filho! (p.118)

O desejo de finalmente descansar e ser feliz, fica evidente no final da narrativa, pois a personagem vai introduzindo reflexões sobre o que chamou de “outra vida ou outro mundo”, e expressa as suas expectativas em relação ao que virá depois da sua partida sem deixar de recapitular as esperanças após a morte. Muitas coisas ainda precisam ser mudadas no novo país independente e mesmo que não estivesse conseguindo ver a mudança sempre se manteve esperançosa nesse novo, parece utopia imaginar todas as promessas se cumprirem, no entanto, também parecia utopia ver o seu país livre dos colonizadores, mas eles conseguiram a independência do país: “Não erguemos troféus, não exigimos medalhas, nem guardamos ressentimentos. Impusemos um novo paradigma da inteligência: sem ser mártir nem ambicionar ser herói, viver uma paixão até à exaustão e morrer sonhando.” (p. 123).

Considerações finais

Por meio deste trabalho podemos conhecer um pouco mais da obra de Abdulai Sila e analisar os mecanismos de memória presentes na narrativa. Analisamos várias passagens da história da protagonista e acompanhamos os percursos que viveu por meio da sua memória, entre o movimento que fez ao longo do texto de lembrar e esquecer conseguimos ver a grande importância da memória para a construção de uma narrativa como essa, principalmente para os sobreviventes de grandes catástrofes e guerras.

Conseguimos notar que o seu anseio por essa nova vida, após a morte, está na esperança de reencontrar os seus amigos e familiares, além de experimentar a liberdade e a paz pelas quais tanto lutou, para si e para todos os guineenses.

A sua missão foi concluída, a partir da narrativa das suas memórias pessoais e coletivas. Iniciou suas lembranças deixando claro o quanto fazer isto era importante para que a sua história fosse lida por outros, era uma necessidade de ser ouvida e lida, “Esta é uma história de uma vida. Uma vida que quis ser vivida. Com paixão e dignidade.” (p.10). A sua vida foi movida pelos ideais que acreditava, e por isso não hesitou em contar a sua história, existia a necessidade de contá-la para conseguir ressignificá-la no presente, e quando lembrava das situações que viveu e narrava, estava buscando externalizar os seus traumas para que a sua vida presente tivesse um sentido real.

No decorrer deste, procuramos dar conta da necessidade de narrar os acontecimentos vivenciados como é natural, quando a pessoa é um sobrevivente, em outras palavras, quando é uma testemunha. “Na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente. Mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69). Da mesma maneira, acontece com a narradora de *Memórias SOMânticas*, as lembranças narradas são de um passado que vive presente no seu cotidiano, pois os traumas de todos os sofrimentos que passou permaneceram, como os rastros e os restos de uma vida que insistem em manterem-se vivos na memória.

Concluo estas considerações, com as palavras da protagonista sobre a importância do narrar: “A narração, quando oportuna, restaura a crença, abrevia qualquer recordação dolorosa e enobrece a vida. Atribui-lhe cor e reverência. E na absorvida memória, entre o mito e a realidade, na plenitude do seu encantamento onírico, é sempre a magia quem reina.” (SILA, 2016, p.10)

Referências

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros**: A literatura guineense e a narração da nação. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005, p. 281-302.

BARROS, Miguel de. **Agenda Cultural Bissau**: Especial Independência e Identidade Nacional. Guiné-Bissau, set. /out. 2021.

CANDÉ, Artemisa Odila. **Guiné Portuguesa versus Guiné-Bissau: A luta da libertação nacional e o projeto de construção do Estado guineense**. Salvador: Editora A Cor das Letras, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOMES, Patrícia Godinho. Mindjeris di Guiné, ka bô m'pina, Ka bô burgunhu: narrativas de mulheres na/sobre a luta de libertação na Guiné-Bissau (trajetórias, construções e percursos).In. **AbeÁfrica**: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, v.6, n.6, Outubro de 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: cultura da memória e guinada subjetiva/ Beatriz Sarlo; tradução Rosa Freire d'Aguiar- São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Narrar o Trauma– A Questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas. **Psic. Clin**, Rio de Janeiro, vol.20, n.1, p.65 – 82, 2008.

SILA, Abdulai. **Memórias SOMânticas**. Bissau: Editora Kusimon, 2016.